

BRASIL

cada vez mais líder



Rebanho brasileiro cresce apostando em boa genética
Brazilian herd grows by betting on good genetic

Em 2003, o Brasil assumiu a liderança do comércio mundial de carne bovina e nunca mais perdeu a posição. Pelo contrário: a diferença em relação ao segundo lugar (Austrália) avança ano após anos, já ultrapassando as 400 mil toneladas por ano. Essa posição foi reafirmada em 2006, com a exportação recorde de 1.596.936 toneladas e mais de US\$ 3.993.640.844. Para se ter uma idéia do avanço, em 1999 os frigoríficos brasileiros venderam 580 mil toneladas no exterior.

O fato é que, nós, brasileiros, já conhecíamos há muito tempo nossas potencialidades para a produção de carne bovina e, agora, o mundo assiste, impassível, ao avanço incrível do Brasil. Dados da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) mostram que a cada três quilos de carne bovina comercializados no mundo hoje, 1 sai do Brasil. “Esse número é impressionante e a tendência é de crescimento devido a várias características da região e fatores internos e externos”, explica a gerente de marketing da Abiec, Andréa Veríssimo.

Disponibilidade de terras e de água, custo baixo de produção e mão-de-obra abundante e relativamente barata já seriam motivos suficientes para colocar o Brasil em condições de superioridade em nível mundial. Levantamento do pesquisador

De Zen: condições do Brasil são muito favoráveis

De Zen: conditions in Brazil are very favorable



Sergio De Zen, da Esalq/USP, de Piracicaba (SP), mostra que no Brasil se gastam US\$ 180 para produzir 100 kg de carne bovina; na Inglaterra, o custo é de US\$ 810. “Nenhum país tem condições de superar nossos custos”, ressalta De Zen. Se não bastassem todas as vantagens citadas acima, os grandes produtores mundiais de carne sofreram abalos recentes, ora sanitários ora econômicos.

Alguns exemplos: a Argentina enfrentou forte crise econômica e aftosa nos últimos anos, a União Européia sofreu baques sanitários nos últimos 10 anos, por conta da Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB), mais conhecida como a “doença da vaca louca”, e a febre aftosa, os Estados Unidos também foram afetados pela doença da vaca louca e a Austrália enfrenta a pior estiagem dos últimos 60 anos.



Exportações em alta: Brasil já representa 1/3 do comércio global

Exports Growing: Brazil accounts for 1/3 of global commerce

Nem os casos de febre aftosa, ocorridos no Brasil em 2005, e que impuseram restrição às exportações de alguns estados, como São Paulo, Mato Grosso do Sul e Paraná, foram suficientes para reduzir o avanço da carne brasileira – de preço menor do que os concorrentes, mas de qualidade crescente – no mercado internacional.

Sergio De Zen explica que a situação atual, bastante favorável ao Brasil, decorre de uma série de fatores internos também. “Esse movimento positivo foi iniciado com a substituição da pecuária de reserva de valor pela eficiência produtiva. A partir dessa decisão estratégica, o País ganhou poder de oferta, passou a trabalhar com preços ainda mais competitivos, trabalha voltado para a qualidade em todos os sentidos e abriu guerra em prol da segurança alimentar. Diante desse contexto, ficou muito mais fácil desenvolver canais de exportação, mesmo com a ocorrência de aftosa há dois anos”, explica o pesquisador.

Andréa Veríssimo rebate as acusações, especialmente dos países europeus, como a Irlanda, de falta de eficiente controle sanitário, falta de rastreabilidade do gado e movimentações ilegais entre os estados, entre outras questões. “A Irlanda sofre muito com o avanço brasileiro no mercado mundial. O preço do boi gordo vem caindo naquele país e os índices de exportação também. Essa cruzada irlandesa contra com Brasil objetiva apenas enfraquecer o nosso avanço. Mas isso não deve ocorrer”, comenta a gerente de marketing da Abiec. Explica-se: a Irlanda atende, atualmente, cerca de 15% do mercado europeu de carne bovina.

Andréa informa, ainda, que alguns países europeus taxam a carne brasileira em até 175% de impostos, mas, mesmo assim, o *Brazilian Beef* chega a preços competitivos. “Quando os investidores vêm ao Brasil, ficam impressionados com a capacidade de aumento de produção da carne brasileira. Ocupamos 220 milhões de hectares com pastagens e podemos crescer mais 90 milhões de hectares, em diversas regiões do País, sem precisar desmatar áreas ou ocupar terras protegidas por lei. Nenhuma outra nação dispõe desse bem”, diz.

Tendência positiva – Se o cenário para a carne brasileira é positivo hoje, deverá ser ainda mais favorável no futuro. Estudo feito pelo Instituto de Pesquisa de Políticas Agrícolas e Alimentares dos Estados Unidos (Fabri), em 2015 o Brasil deverá exportar mais de 2,2 milhões de toneladas de carne bovina por ano, representando mais de 50% do comércio internacional. “Brasil, Austrália, Argentina e Nova Zelândia deverão, juntos, abocanhar 80% das exportações”, informa Sergio De Zen.

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) também fez projeções. Para o órgão, nos próximos dez anos a pecuária crescerá ao ritmo de 2,54% ao ano. Transformando em números, a produção anual deve ultrapassar 13,15 milhões de toneladas. “Veja que em 1998, o Brasil produziu 5,8 milhões/t. Trata-se de um crescimento excepcional”, complementa o pesquisador da Esalq/USP. Em relação à exportação, o MAPA estima que em 2017, o País esteja no patamar das 2,8 milhões de toneladas vendidas no exterior.

“O Brasil é um player muito flexível e de extrema importância para o mercado global. É o único país do mundo em condições de oferecer carne bovina, suína ou de frangos e atender qualquer tipo de demanda”, observa Sergio De Zen. No entanto, lembra o especialista, o País não pode abrir mão do crescimento sustentável, do constante investimento em novas tecnologias, da eficiência produtiva e dos controles sanitários eficientes, com a necessária segurança alimentar.

Por outro lado, o pesquisador da Esalq/USP assinala um pouco muito importante: a preocupação em melhorar cada vez mais a imagem da carne brasileira no exterior. “Não podemos deixar em segundo plano o desenvolvimento da capacidade de prever problemas e resolvê-los antes que algum concorrente se aproveite deles. Nesse sentido, a questão ambiental é prioritária”, diz.

BRAZIL, increasing its leadership

In 2003, Brazil seized the leadership of the global beef market, and has never since lost the position. Quite the opposite: the difference between Brazil and the runner-up (Australia) grows year after year, and has reached the mark of 400 metric tons per year. This position was reaffirmed in 2006, with the record export of 1,596,936 metric tons valued at over US\$ 3,993,640,844. To give you an idea of the progress, Brazilian meat exporters sold 580 thousand metric tons abroad in 1999.

The fact is we Brazilians have long known of our potential in beef production and now the world watches Brazil's incredible progress, impassive. Data from the Brazilian Meat Exportation Association (Abiec, in the Portuguese acronym) show that of every three kilos of meat sold in the world today, one comes from Brazil. "This number is impressive, and the trend is for growth due to the characteristics of the region and internal and external factors," explains Abiec's director of marketing, Andréa Veríssimo.

Available land and water, low production costs and abundant, relatively cheap labor are reasons enough for Brazil to have superior conditions at the global level. Assessment by researcher Sergio De Zen, of Esalq/USP in Piracicaba (SP), shows that it costs US \$180 to produce 100 kg of beef in Brazil, while in England the cost is US \$810. "No other country has better conditions than ours," emphasized De Zen.

As if the abovementioned advantages weren't enough, major beef producers worldwide have suffered recent setbacks, including sanitary and economic problems.

A few examples: Argentina has faced a serious economic crisis over recent years, the European Union has undergone sanitary disasters during the last ten years due to Bovine Spongiform Encephalopathy (BSE), better known as Mad Cow Disease, and Foot-and-mouth disease (FMD), the United States was also affected by Mad Cow Disease and Australia faces the worst drought in 60 years.

Not even the cases of foot-and-mouth disease that occurred in Brazil in 2005, which resulted in the restriction of exports from some states, including São Paulo, Mato Grosso do Sul and Paraná, were enough to reduce the progress of Brazilian beef – with a lower price than competitors and increasing quality – on the international market.

Sergio De Zen explained that the current situation, strongly in Brazil's favor, is the result of a series of internal factors as well. "The positive movement began when the industry replaced price maintenance with efficiency in production. Beginning with this strategic decision, Brazil increased its power to sell, began to work at even more competitive prices, began to work toward quality in every sense, and began a war in favor of food safety. In this context, it became much easier to develop export channels, despite the foot-and-mouth disease outbreak two years ago," explained the researcher. Andréa Veríssimo discounts the accusations, made especially

by European countries such as Ireland, that Brazil lacks sanitary controls and traceability of cattle, as allows illegal movement of herds between states, among other issues. "Ireland has suffered greatly with the progress of Brazil on the global market. The price of fattened cows has been falling there, as have the levels of exportation. This confrontation with Brazil only seeks to weaken our progress. But that isn't likely to happen," commented Abiec's marketing director. Let's explain: Ireland currently supplies about 15% of the European market for beef.

Andréa also told us that some European countries assess taxes of up to 175% on Brazilian beef, but, even so, the product reaches market at a competitive price. "When investors come to Brazil, they are impressed with the capacity to increase production of Brazilian beef. We currently use 220 million hectares as pastureland, and we expect to grow by another 90 million hectares in various regions of the country, without needing to remove forests or use legally protected land. No other nation has that at its disposal," she said.

Positive Trend – If the current situation for Brazilian beef is bright, it is expected to be even brighter in the future. A study performed by Food and Agriculture Policy Research Institute (FAPRI) showed that Brazil is expected to export over 2.2 million metric tons of beef per year by 2015, representing more than 50% of international marketing. "Together, Brazil, Australia, Argentina and New Zealand are expected to represent more than 80% of export," commented Sergio De Zen.

The Brazilian Ministry of Agriculture and Food Supply (MAPA) has made its own projections. According to the agency, livestock production is expected to grow 2.54% per year for the next ten years. Translated into numbers, annual production should surpass 13.15 million metric tons. "Consider that in 1998 Brazil produced 2.8 million metric tons. This growth has been exceptional," added the Esalq/USP researcher. Regarding exportation, MAPA estimates that Brazil will be selling approximately 2.8 million metric tons abroad in 2017.

"Brazil is an extremely flexible and important actor on the global market. It is the only country on Earth in the condition to offer beef, pork or chicken and meet any type of demand," noted Sergio De Zen. Nevertheless, the specialist reminded us, Brazil cannot fail to work toward sustainable growth, constantly investing in new technologies, production efficiency, and effective sanitary controls, providing necessary food security.

On the other hand, the researcher from Esalq/USP pointed out an important detail: concern for improving the image of Brazilian beef abroad. "We cannot ignore development of the capacity to predict problems and solve them before a competitor takes advantage of them. In this sense, the environmental issue is a priority," he says.